



MR 036. Sobre Viver nas Ruínas: Diálogos sobre Antropologia e Sustentabilidade

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM)

Participantes:

Karine Lopes Narahara (IFCS/UFRJ)

Emmanuel Duarte Almada (UEMG)

Rafael Palermo Buti (Unilab)

Debatedor/a:

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundação Joaquim Nabuco)

Diante dos desafios suscitados pela ideia de vivermos no “Tempo das Catástrofes” (STENGER, 2015) e no “Tempo das Perturbações” (TSING, 2019), povos e comunidades espalhados pelo planeta vêm engajando estratégias de cuidado e enfrentamento desde seus territórios. Os modos de viver e habitar desses coletivos devem nos servir para reposicionar o debate sobre a questão ambiental, a sustentabilidade e o futuro do planeta. A mesa pretende colaborar com essa discussão oferecendo etnografias sobre modos de habitar a terra e a água, ressurgir paisagens e retomar territórios em contextos de precarização e arruinamento de lugares e mundos. Trata-se de trazer à tona os engajamentos criativos e as perspectivas situadas diante das finitudes impostas pelas cadeias agro-industriais e neo-extrativistas no Antropoceno. A mesa propõe também refletir sobre questões que transitam entre antropologia, ecologia e outras disciplinas preocupadas com a questão ambiental: modos de habitar, ecologia política, natureza e cultura, construção de paisagens, manejo ambiental e conflitos socioambientais.

Bateia, balsa e baixão: garimpeiros tradicionais depurando diretos nas ruínas do Rio Doce (MG)

Autoria: Emmanuel Duarte Almada (UEMG)

O rompimento da Barragem de Fundão em Mariana (MG), em novembro de 2015 fez desabar um mar de rejeitos sobre os territórios de vida do Rio Doce. Humanos, plantas, animais, algas e todos os viventes ribeirinhos viram seus mundos destruídos pelo crime da Samarco/Vale/BHP Billiton. Dentre as comunidades afetadas estão os garimpeiros tradicionais de ouro, que desde o século XVIII construíram uma longa história de alianças com o rio. Em meio ao conflito ambiental instaurado, os/as garimpeiros/as acionaram sua “tradicionalidade” como meio de luta pela garantia de direitos. Neste work, por meio de uma etnografia com o coletivo de garimpeiros, buscamos refletir sobre a vida nas ruínas do Rio Doce, em que estes sujeitos depuram dos rejeitos, novos modos de existência e fazem emergir, dessa paisagem em desastre, os mundos soterrados e rompidos pela colonialidade e poder do capital organizado.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: